

## **Quintais Produtivos: Expressões de Resistência das Mulheres Assentadas em Territórios de Monocultura**

*Productive Backyards: Expressions of Resistance from Settled Women in Monoculture Territories*

FREITAS, Gabriela. M.<sup>1</sup>; FERRANTE, Vera. L.S.B.<sup>2</sup>; SOSSAE, Flávia. C.<sup>3</sup>; FILIPAK, Alexandra<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UNIARA, gdmfreitas@uniara.edu.br; <sup>2</sup> UNIARA, vbotta@techs.com.br; <sup>3</sup>UNIARA, f.sossae@gmail.com; <sup>4</sup> IFSP, alexandra.filipak@ifsp.edu.br.

### **RESUMO EXPANDIDO**

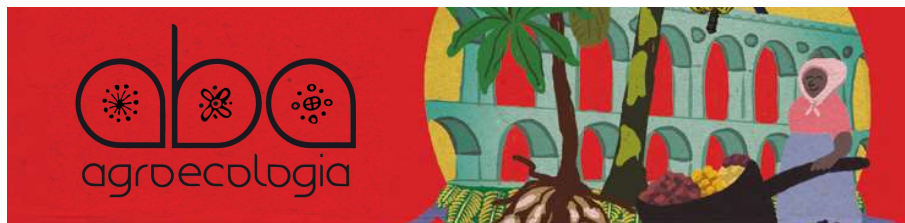
#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** O artigo discute a participação das mulheres nos quintais produtivos de dois assentamentos da Região Central do Estado de São Paulo. São locais de resistência em meio à crescente prática da monocultura, sendo importantes na expressão da liberdade, da produção para o autoconsumo, o que pode contribuir para a Segurança Alimentar e transição agroecológica. A metodologia utilizada foi a Bola de Neve e o diário de campo. Como resultados, demonstrou-se a importância dos quintais produtivos no convívio familiar, na melhoria da qualidade de vida dos assentados, valorizando o trabalho das mulheres nas práticas de cultivo tradicionais. **Palavras-chave:** assentamento rural; quintais produtivos; mulheres; agroecologia; conhecimentos tradicionais.

#### **Introdução**

Os quintais produtivos estão sempre presentes quando trata-se dos estudos envolvendo as mulheres assentadas, mas são relatados nos trabalhos acadêmicos de forma acessória aos assuntos envolvendo as questões de gênero. Por este motivo, buscou-se olhar para o ambiente dos quintais com ênfase para o local, na perspectiva de contribuir com a academia e a comunidade rural através de estudos complementares e aprofundados, que demonstrem a importância da manutenção e os benefícios com relação aos quintais produtivos em uma ampla dimensão que atrela os efeitos de empoderamento da mulher e de seu pertencimento.

Esses quintais apresentam uma estreita relação com o processo de transição agroecológica por se tratarem de locais de manutenção dos saberes tradicionais e de resistências à crescente prática da monocultura nos assentamentos rurais, além de serem mantidos pela mão de obra familiar. Exibem ainda, uma considerável diversidade de espécies onde expressam a liberdade pela opção de escolha sobre o cultivo do alimento de acordo com a preferência de consumo da família, contrapondo os princípios da produção de monoculturas.



Através dessa diversidade de espécies vegetais e animais de pequeno porte, muitas vezes presentes nesses espaços, é possível garantir a segurança alimentar com produtos nutritivos e, em grande parte, cultivados sem agrotóxicos.

Além da produção de alimentos que são destinados ao consumo próprio da família, também está presente a prática diária de conhecimentos tradicionais, no cultivo de ervas medicinais muito utilizadas na cura e prevenção de doenças, onde através da tamanha diversidade dessas espécies presentes, chegam a ser reconhecidos em muitas literaturas como “farmácias vivas”. Também são encontradas variedades de espécies de plantas ornamentais que embelezam e ressignificam o ambiente, assim como as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), as quais vêm garantindo espaços inclusive na comercialização, podendo favorecer a geração da renda da família.

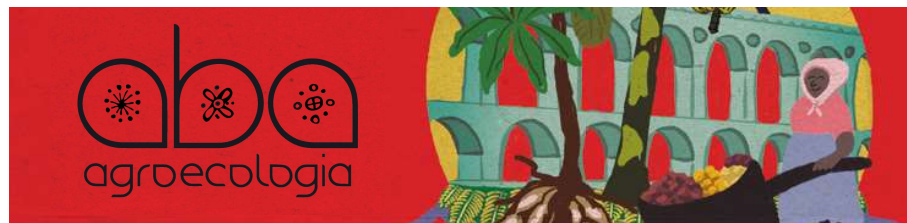
O objetivo geral deste trabalho foi identificar e analisar, de forma qualitativa, os quintais produtivos de dois assentamentos da Região Central do Estado de São Paulo: Monte Alegre e Bela Vista do Chibarro. Pretendeu-se observar e analisar o papel das mulheres na produção dos quintais, assim como, caracterizar sua participação no trabalho das unidades produtivas podendo identificar invisibilidades na divisão sexual do trabalho.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para a obtenção da amostra foi a denominada de “Bola de Neve”, a qual implica em uma seleção de populações iniciais para o estudo, estas, no caso, sendo as famílias assentadas conhecidas através de outros projetos em parceria com o Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural). Além disso, “O método de amostragem em bola de neve permite ao pesquisador encontrar populações que ele não conseguiria através de outros métodos” (DEWES, 2019, pag.12). Dessa forma se constituiu o grupo de 7 mulheres assentadas, protagonistas de suas histórias e que aceitaram participar deste trabalho.

A pesquisa contou também com a observação direta, técnica derivada da Antropologia, bem como a montagem de diários de campo, o que permite à pesquisadora a liberdade de captar essências, pelo fato de evitar os constrangimentos que um gravador possa causar ao entrevistado (WHITAKER, 2002). Os dados qualitativos foram obtidos com a utilização de um roteiro de perguntas semiestruturadas para as atrizes envolvidas com a utilização de questões abertas e fechadas, descritos em forma de diários de campo, o qual contribuiu com a obtenção dos relatos de experiências e descrição das histórias de vida das mulheres.

Em Araraquara, há três assentamentos rurais, sendo dois deles de responsabilidade da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP (vários núcleos), e um do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (Bela Vista do Chibarro), sendo advindos de diferentes políticas públicas implementadas ao longo dos últimos 30 anos. A região de Araraquara caracteriza-se ainda pelo alto dinamismo do agronegócio, com empresas sucroalcooleiras e madeireiras cobrindo uma vasta extensão territorial. Evidenciando o contraste com



esses tons de riqueza, a região apresenta um histórico de exploração e precarização das trabalhadoras e do uso da terra, com um tipo de agricultura convencional extremamente nociva em termos da utilização dos recursos naturais, voltada às *commodities* e à agroexportação (FERRANTE et al., 2012). A pesquisa ocorreu com quatro quintais produtivos do Assentamento Monte Alegre e três no Assentamento Bela Vista do Chibarro, totalizando 7 lotes.

Em meio ao mar de monocultura de cana, emergem situações como práticas e organizações agroecológicas, potenciais diferenciados dos assentamentos no abastecimento urbano e o reconhecimento dos protagonismos das mulheres.

## Resultados e Discussão

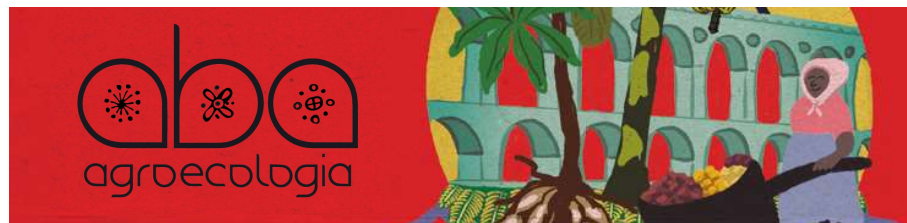
Dentro do assentamento, pode se tornar um desafio localizar um determinado lote, pois o cenário é de muitas estradas de terra, rodeadas pela cana e que não possuem placas de identificação. Nessa busca, é possível vivenciar o contraste dos quintais que são os pequenos pontos de diversidade em meio ao mar da monocultura que contornam os lotes. A seguir, há uma breve descrição sobre o perfil de cada assentada contribuinte da pesquisa.

Elza, 55 anos, casada e sem filhos, vive no assentamento há 7 anos, nesse tempo procurou fazer melhorias no local através de um planejamento para tornar o seu lote um ponto de turismo rural. A ideia surgiu devido a sua criatividade e dedicação diária no quintal, fazendo diversos espaços paisagísticos, que englobam árvores nativas, frutíferas, hortaliças, plantas alimentícias não-convencionais e muitas ervas medicinais. O uso das ervas medicinais é parte do seu cotidiano, compartilhando a sua experiência com vizinhos e parentes. O marido trabalha fora do lote, assim, a assentada dedica-se sozinha e diariamente aos cuidados com a casa e com o quintal.

Jusefa, 72 anos, aposentada, viúva e mãe de um filho, vive no assentamento há 20 anos, também sozinha durante os dias de semana, devido ao trabalho externo do filho, ela mantém o quintal e sua casa. Seu grande amor é pelas ornamentais, mais especificamente, por rosas-do-deserto e orquídeas. Apesar da idade, a assentada faz questão de exercer as diversas atividades necessárias para a manutenção do local, enfrentando as mais diversas dificuldades que lhe são exigidas.

Jiseli, tem 58 anos, é casada e mãe de três filhos, reside no assentamento há 17 anos. Em seu lote, inaugurou uma padaria, onde produz e comercializa vários produtos artesanais, nos quais, ela utiliza a maior parte da matéria-prima necessária nas confecções que existem em seu quintal, priorizando alimentos frescos e livres de veneno. Além disso, participa de feiras semanais e eventos científicos, oferecendo um serviço de “coffee break”, neles, o marido está sempre presente, ajudando com o transporte e a montagem da mesa.

Léa, 39 anos, casada e mãe de dois filhos com 5 e 7 anos, mora no assentamento há 12 anos. Ela contou sobre uma forte vontade em transformar sua casa numa espécie de hospedaria, de forma que pudesse oferecer almoço e refeições. Para isso, segundo a agricultora, são necessárias algumas modificações



e reformas, que estão no planejamento, num “caderninho dos sonhos”. De fato, em poucas palavras de uma conversa, é possível notar o empreendedorismo e a iniciativa por parte dela. Conforme seus gostos, “de tudo um pouco”, ela realiza diversos cursos, acreditando que todos agregam e podem contribuir em algum momento. Fez cursos de artesanato, apicultura, paisagismo, produção de tomates, empreendedorismo e até de hidroponia. Tornou-se uma apicultura muito orgulhosa e, hoje, garante uma renda extra através da comercialização do mel, investindo também em espécies de flores que acompanhem a sazonalidade, para que a produção ocorra de forma contínua, além de embelezar o seu quintal com as cores e aromas.

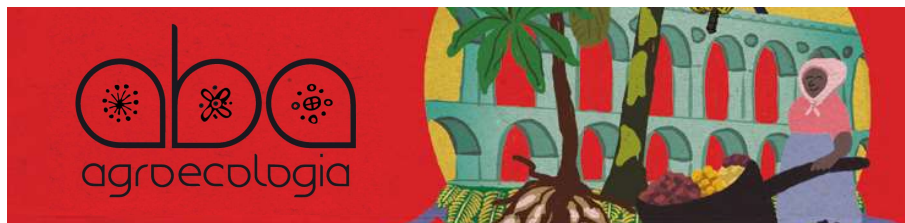
Maria Rezadeira, como é popularmente conhecida, tem 78 anos, é viúva, é agricultora e residente no assentamento há mais de 30 anos. É mãe de nove filhos, mas apenas três continuam no assentamento. Explicou que sendo hoje viúva, ainda pode ser difícil a vida de agricultora, mas que naquela época, com um marido trinta anos mais velho, era pior, já que o mesmo oprimia a sua opinião e a participação nas decisões do lote. Um dos filhos é o atual responsável pelas negociações da produção familiar, mas tudo recebe a supervisão e aval da Dona Maria, garantindo atualmente a sua autonomia e liberdade. Ela conhece todas as espécies presentes no quintal, faz uso diário das ervas medicinais, tendo grande afeto pela ora-pro-nóbis, muda que foi adquirida e repassada por gerações.

Zulmira, 61 anos, é casada e mãe de quatro filhos, vive no assentamento há 32 anos. Foi em 2011 que construíram a casa que hoje residem, fizeram antes, três barracos, e a água, vinda de uma represa ao fundo do lote, era o que possibilitou a construção para a moradia. Tempos depois, construíram um poço cacimba, permitindo que ficassem mais perto da estrada. Ela relatou sobre como é desafiador e complicado ser mulher agricultora, ter perfil de liderança e a visão dos homens, principalmente de alguns anos atrás e que até hoje permanece, de um machismo enraizado, que muitas vezes tentou silenciá-la. Diferente da maioria dos casos, Zulmira, desde o início trabalhou fora do lote. Hoje assume um cargo no Posto de Saúde do assentamento. Devido à menor disponibilidade de tempo e apesar de nunca deixar de produzir no lote, a sua ausência, em parte, implicou no quintal com menor diversidade de espécies vegetais levantadas.

Maria, 66 anos, viúva, mãe de três filhos, mora há mais de 20 anos no assentamento. Hoje, sozinha em seu lote, é conhecida como a “dona das pimentas”, devido ao cultivo de pimentas dedo-de-moça, onde a sua produção é inteiramente destinada para um frigorífico que a utiliza em uma receita de linguiças e garante uma renda extra para a D. Maria. A sua história de vida, passa por períodos de muito sofrimento com o ex-marido, que a agredia fisicamente, verbalmente, ocasionando dois abortos por espancamento. Quando decidiu fugir desse relacionamento, enfrentou mais dificuldades, com três filhos e sozinha, chegou a passar fome. Através da terra herdada pelo pai, começou a produzir os alimentos que garantiram nunca mais haver um estado de privação e proporcionou a sua autonomia.

Diante de todas essas histórias de protagonismos das mulheres agricultoras e de resistência dos quintais produtivos, é importante ressaltar que em todos os sete casos estudados, o lote era cercado por monoculturas de cana-de-açúcar, soja ou





sorgo. Portanto, os pontos de biodiversidade e agroecologia são advindos dos quintais produtivos, que contornam as casas dos lotes e permitem contribuir com a Segurança Alimentar dessas famílias.

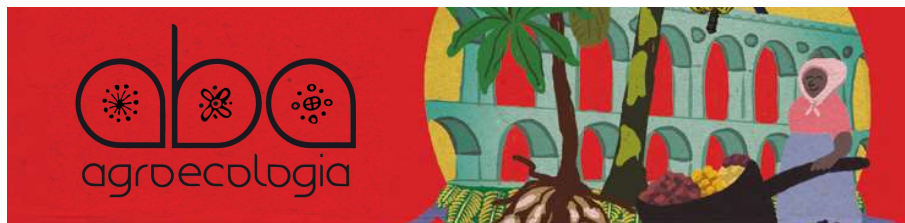
## Conclusões

Os quintais produtivos são dinâmicos, contribuindo para a qualidade de vida das pessoas que os cultivam. No presente trabalho, quintais foram analisados e constatou-se que em todos é realizado o plantio de hortas destinadas ao autoconsumo. Em todos os lotes há criação de galinhas e em metade deles há a presença de suínos, bovinos e um caso de apicultura. Portanto, constata-se que, em todos os casos, os quintais produtivos podem contribuir para a Segurança Alimentar dessas famílias, tendo em vista que os alimentos produzidos nesses ambientes são cultivados de forma orgânica, mantidos pela mão de obra familiar, o que estimula práticas e culturas locais, perpetuação dos conhecimentos tradicionais e uma grande variedade de alimentos. Considera-se ainda, o respeito com relação à sazonalidade das espécies, permitindo frutas e outros alimentos em todas as estações do ano.

É válido colocar que esses quintais contribuem com a Segurança Alimentar, na forma em que complementam a dieta alimentar das famílias, mas também, na maioria dos casos, há a necessidade de compra de mantimentos externos ao lote. Existem diversos enfrentamentos e dificuldades a ser considerados no modo de vida dos assentamentos. Tais fatores não anulam a importância do quintal produtivo, mesmo diante dos desafios e empecilhos da monocultura.

A relação das mulheres participantes deste estudo com os seus quintais é diversa. Jiseli, utiliza produtos do quintal como matéria prima para os pães e bolos que são destinados à comercialização e agregam na renda familiar. Léa, garante uma renda extra através da comercialização do mel, o qual possui um valor de mercado elevado. D. Maria e Maria Rezadeira cultivam o quintal para o autoconsumo, e comercializam o excedente quando há procura. Jusefa depende da ajuda de outras pessoas para comercializar a produção de horta, no momento tem sido destinado para o próprio consumo, ocasionando determinado prejuízo devido à perda do excedente. Elza e Zulmira, são mulheres que não dependem de uma renda advinda do lote, portanto, não comercializam os produtos dos quintais, mas estes garantem a soberania alimentar de suas famílias.

O levantamento de 29 espécies de ervas medicinais, constata uma relevância expressiva às preferências das mulheres do estudo em utilizar remédios caseiros e naturais do que os industrializados comercializados em farmácias. Essas ervas são compartilhadas entre os familiares e vizinhos, incentivando o conhecimento empírico adquirido pelas mulheres em prol da sociedade em que vivem. Quando há uma diversidade em ervas medicinais no lote, pode ser considerado que existe uma “farmácia viva” no local, pois a prevalência no uso de alternativas que são naturais e que auxiliam na luta e na prevenção de doenças, são comprovadas cientificamente e inclusive, adotadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo uma melhor qualidade de vida dessas pessoas.



Os quintais produtivos expressam resistência com relação às monoculturas, por serem extremamente ricos em diversidade, como pôde ser constatado através do levantamento de 92 espécies vegetais nos lotes analisados. Enquanto grande parte da área desses lotes, mais da metade ou até mesmo a totalidade, são arrendados ou destinados ao cultivo da cana ou soja, o quintal produtivo, que recebe apenas a área ao redor da casa, consegue apresentar uma enorme variedade de espécies vegetais e animais.

Deste modo, os quintais nos assentamentos rurais são pequenos e poucos espaços quando comparados com os hectares do lote e conseqüentemente, da monocultura, mas permitem a expressão de autonomia e liberdade com relação à opção de escolha do que plantar e produzir, conforme os gostos pessoais e as memórias afetivas. É fato que eles não têm poder de enfrentamento ao agronegócio, mas expressam essa resistência através da permanência de uma tradição, simbolizam uma resistência humana, visto que pessoas se mantêm no campo, criam laços e raízes com a terra, vivendo uma vida mais saudável e equilibrada. Os quintais permitem não haver uma vida de privação, e, ao mesmo tempo, reproduzem valores próprios da comunidade rural.

Em todos os casos analisados, as mulheres são protagonistas no cultivo dos quintais, exercendo os conhecimentos tradicionais constantemente em prol de uma melhor qualidade de vida que beneficia a si próprias e seus familiares, através da priorização de uma produção livre de veneno, da diversificação dos alimentos que permitem contribuir na dieta nutritiva. O artigo demonstrou o papel das mulheres como figuras fundamentais para a manutenção da tradição dos quintais produtivos.

As mulheres, no trabalho dos quintais, redefinem as relações desiguais de gênero. Elas se tornam protagonistas, valorizadas e seu trabalho deixa de ser invisível. Elas redefinem a relação com o homem, ocupando um espaço de construção de igualdades. Redefinem a divisão sexual do trabalho pois o seu trabalho começa a ser importante e central para a família, produtivo, ambientalmente seguro e promove a igualdade de gênero.

O espaço do quintal é como demonstrado, um meio de socialização e trocas de experiências entre os membros de uma família, destinação de um tempo de qualidade que estreita os laços afetivos. Local que permite atender diversas necessidades humanas, sejam elas fisiológicas, sociais, de estima e auto realização. Expressão da identidade das assentadas, os quintais produtivos têm que ser valorizados nas análises sobre os modos de vida no campo e sobre gênero.

### Referências bibliográficas

DEWES, O. J. Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. UFRGS, Porto Alegre, 2013.

WHITAKER, D. C. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Editora Letras à Margem/CNPQ, 2002.

FERRANTE, V.L.S.B. et al. Um retrato das regiões da pesquisa. **Retratos de Assentamentos**, v.15, n.1, 2012